

Quando o Jornalismo “Faz a Egípcia”: Uma Análise da Cobertura sobre Travestis no Portal das Notícias do G1¹

José Ilton Lima PORTO²
Sara Alves FEITOSA³

Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), São Borja, RS

RESUMO

O artigo analisa o conteúdo das notícias do Portal G1 sobre travestis, observando o tratamento dado a estas e quais os valores-notícia que norteiam a seleção e o processo de produção destas notícias. Para tanto, pautamos nossa investigação na teoria construcionista da notícia e *queer*, entendendo o conceito de heteronormatividade para compreender de que forma ela se expressa na notícia. Acredita-se que é de suma importância compreender como a mídia trata este público, tendo em vista o aumento progressivo de casos noticiados e a relevância da mídia na constituição de uma opinião pública que tenha por alicerce o respeito à diversidade.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; travestis; construção da notícia; heteronormatividade; *queer*

INTRODUÇÃO

“Fazer a egípcia” para as travestis significa indiferença com alguém. Elas, assim como as transexuais são tratadas como “corpo estranho”, pessoas que transgridem a norma social. Elas questionam os padrões normativos e são vistas como pessoas menos dignas de respeito do que as cisgêneras⁴, na sociedade e no jornalismo. É notório o desrespeito à identidade de gênero e dignidade deste público. Exemplo disso, são os modos que a cobertura noticiosa se refere as travestis. Muitas notícias fazem referências a elas pelo uso do artigo masculino, evidenciando seu nome civil em detrimento do nome social.

Referencia as travestis como gente que “era Fulano e virou Beltrana” ou vice-versa,

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, GP Telejornalismo da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa -Campus São Borja, email: iltonporto@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação (PPGCOM/UFRGS). Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa- Campus São Borja, email: sarafeitosa@unipampa.edu.br

⁴ Termo utilizado para se referir a pessoa que se identifica, em todos os aspectos, com o seu gênero de nascença

confundem transfobia⁵ com homofobia, realça desnecessariamente a situação de travestilidade da pessoa, abordam como se fosse uma “super-homossexualidade”. São vários os erros de tratamento que constroem uma realidade em torno desta categoria que as estigmatizam, discriminam, desclassificam, desumanizam e constroem. Sendo assim, muitas vezes, o jornalismo acaba sendo indiferente as questões de gênero, ou seja, “faz a egípcia”. Sendo assim, por um lado o jornalismo ignora esta faixa da população e, por outro, quando há cobertura ela é cheia de erros e equívocos que ferem inclusive os direitos da pessoa.

O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros alerta no Art.6º e inciso XIV é dever do jornalista: “combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza”. Dessa forma, a escolha pelo tema justifica-se pela necessidade de respeito ético e responsabilidade social que o jornalismo tem como discurso que colabora com a formação de opinião e pode contribuir para a quebra de preconceitos disseminados na sociedade.

Neste estudo, faz-se necessário evidenciar que Marcos Benedetti (2005) apresenta duas justificativas para o emprego do termo travesti como feminino gramaticalmente (a travesti). A primeira, refere-se ao fato de respeitar a utilização do termo ênico – ou seja, as próprias travestis se identificam com o universo feminino – e manter essa designação pode significar uma valorização da transformação corporal buscada por elas. A outra justificativa está no âmbito político. Uma das reivindicações dos movimentos organizados é justamente o respeito e a garantia da construção do feminino entre as travestis e transexuais.

Desse modo, o artigo busca analisar o conteúdo das notícias do Portal G1 sobre travestis, observando os valores-notícia que norteiam a seleção e o processo de produção destas notícias. Acredita-se que é de suma importância compreender como a mídia trata este público, tendo em vista o aumento progressivo de casos noticiados e a relevância da mídia na constituição de uma opinião pública que tenha por alicerce o respeito à diversidade.

O artigo pauta sua investigação na teoria construcionista da notícia e *queer*, evidenciando o conceito de travesti e entendendo o conceito de heteronormatividade para compreender de que forma ela se expressa na notícia. Em seguida, baseado nos estudos de Nelson Traquina, considera-se a notícia como construção da realidade, perpassando pelos seus critérios de noticiabilidade e valores-notícia. Com este arcabouço teórico, parte-se para

⁵ Preconceito e discriminação contra as pessoas transexuais e transgêneros. Não deve-se confundir com homofobia, que é o preconceito e discriminação contra homossexuais.

análise de como é construída a cobertura sobre as travestis nas notícias publicadas no G1 no mês de março de 2016.

“TRAVESTI NÃO É BAGUNÇA”

Em uma busca rápida nos dicionários *online*, tentamos encontrar uma definição para a palavra: travesti. O dicionário *online* da Língua Portuguesa define travesti como “o artista que se veste com roupas características do sexo oposto. Geralmente, refere-se aos homossexuais cujas vestes e/ou comportamentos denotam particularidades ou ações características do sexo oposto”⁶. O dicionário informal conceitua travesti, “originalmente, como alguém que se vestia com roupas do sexo oposto para se apresentar em shows e espetáculos, mas essa prática passou a designar hoje em dia principalmente os transgêneros, que adquirirão formas femininas através do uso de hormônios femininos e/ou prótese cirúrgica”⁷.

A Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (ANTRA) definiu um conceito próprio para as travestis: “Uma construção de gênero feminino, oposta ao sexo biológico, seguido de uma construção física de caráter permanente, que se identifica na vida social, familiar, cultural e interpessoal, através dessa identidade” (ANTRA, 2012, p. 10).

Em suas pesquisas, Benedetti (2005) salienta que travestis são aquelas que promovem alterações corporais com o objetivo de deixá-lo o mais semelhante possível ao das mulheres. Para tanto, cotidianamente fazem uso de vestimentas e vivem como pessoas pertencentes ao sexo feminino. O autor afirma que para as travestis não há o desejo explícito de retirada do pênis e construção de uma vagina através da cirurgia de transgenitalização, ele afirma que este desejo é das transexuais.

Kulick (2008) traz um conceito bem semelhante, para ele, as travestis, para além das vestimentas, adquirem nomes, cabelos, pronomes, corpo e outros aparatos femininos. Mesmo realizando transformações corporais com foco no universo idealizado como feminino, elas não são mulheres e não desejam extrair o pênis.

Travestis são pessoas cuja identidade de gênero não se enquadra em nenhuma referência preestabelecida: masculino ou feminino. A travesti rompe com essa norma por constituir uma identidade que está para além dos gêneros e para além de ser homem ou de

⁶ Disponível em: <http://www.dicio.com.br/travesti/>, acesso em 14/04/2016

⁷ Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/travesti/>, acesso em 14/04/2016

ser mulher. A travesti é travesti⁸. A travesti é vista como “corpo estranho” por trazer a ambiguidade do ser masculino e feminino na sociedade. Ser travesti é ser *Queer*.

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante - homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser ‘integrado’ e muito menos ‘tolerado’. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro e nem o quer como referência; um jeito de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do ‘entre lugares’, do indecível. Queer é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina. (LOURO, 2008, p. 07-08)

Para a autora, o corpo travesti pode ser considerado *queer* por ser questionador, transgressor, ambíguo. Um corpo que nos convida a pensar conceitos, dentro da nossa sociedade, no que tange as questões de gênero e sexualidade. Para os teóricos e teóricas *queer*, para além disso, o corpo travesti rompe as normas regulatórias de sexo. É o caso de Judith Butcher, quando afirma que as sociedades constroem normas que regulam e materializam o sexo dos sujeitos e que estas normas precisam ser constantemente repetidas e reiteradas para que tal materialização se concretize (LOURO, 2008). A norma a qual as teóricas se referem é a heteronormatividade.

A heteronormatividade regula os corpos, criando um parâmetro de normalidade em relação à sexualidade, evidenciando como norma e como normal a atração e/ou o comportamento sexual entre indivíduos de sexos diferentes, ou seja, ditando o que é certo ou errado, convencionalmente e afetando as relações sociais. Essa regulação desclassifica, gerando discriminação a seres humanos a partir da sua condição sexual e identidade de gênero.

Por heteronormatividade entende-se a capacidade da heterossexualidade apresentar-se como norma, a lei que regula e determina a impossibilidade de vida fora dos seus marcos. É um lugar que designa a base de inteligibilidade cultural através da qual se naturaliza corpos/gêneros/desejos e definirá o modelo hegemônico de inteligibilidade de gênero, no qual supõe que para o corpo ter coerência e sentido deve haver um sexo estável expresso mediante o gênero estável (masculino expressa homem, feminino expressa mulher). (BENTO, 2008, p. 40).

Em nossa sociedade, a não-heterossexualidade foi gravemente condenada pelo discurso hegemônico, que, influenciado pelo discurso religioso e médico científico, legitimou instituições e práticas sociais calcadas em valores heteronormativos, que levaram

⁸http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diversidades_sexuais.pdf

a sociedade a discriminar e punir os comportamentos sexuais que fogem deste padrão, colocando-os num patamar de subalternidade, de pecado ou doença. (MACHADO; PRADO, 2008). E é através das convenções sociais e na escrita heteronormativa que caminha o texto informativo na redação jornalística.

A NOTÍCIA COMO CONSTRUÇÃO DA REALIDADE

É através do jornalismo que entramos em contato com a declaração da Presidência da República, tomamos conhecimento do que ocorre na Câmara dos deputados, nas eleições, a alta do dólar, na economia brasileira, sabemos sobre o clima, somos informados sobre as tendências da moda, decoração e alimentação, entre outros assuntos. É a notícia, produto do fazer jornalístico que serve de importante instrumento para a compreensão da realidade que nos cerca.

Segundo Nelson Traquina (2005, p.17), a notícia muitas vezes é confundida como um reflexo/retrato da realidade, na verdade “a notícia não é um relato mas uma construção” (TRAQUINA, 2005, p.17), ou seja, a realidade não é refletida, mas o próprio jornalismo seria responsável por construí-la.

Nesse processo de construção da realidade, o jornalismo também pode trabalhar na criação ou reelaboração de identidades culturais. Como as notícias não são um espelho da realidade e sim uma construção discursiva, ao noticiar, a mídia produz sentidos, mobiliza a memória discursiva, podendo provocar o assujeitamento e a identificação dos receptores. As notícias têm efeito (ideológico) de evidência, mas são uma narração possível do acontecimento, constituindo o que representam, produzindo significados. E, nesse movimento, contribuem para a constituição do imaginário social, cristalização da memória do passado e construção da memória do futuro. Esse entendimento dá conta de que os discursos são "práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam"[como observa Foucault] (FELIPPI, 2008, p.10).

Sendo assim, “a notícia, através dos seus enquadramentos, oferece definições da realidade social” (TRAQUINA, 2005, p.17), e, ao ser construída segue os critérios de noticiabilidade.

Podemos definir o conceito de noticiabilidade como o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo ‘valor-notícia’ (TRAQUINA, 2005, p. 63).

Segundo Traquina (2005), os valores-notícia servem como “óculos” para os jornalistas ver o mundo e também construí-lo, uma vez que, os valores-notícia são um elemento básico da cultura jornalística. Baseado em outros teóricos, Traquina divide e faz as distinções entre os valores-notícia de seleção e valores-notícia de construção. Como explica Traquina (2005), foi Mauro Wolf que indicou que os valores-notícia estão presentes em todo processo de produção, ou seja, no processo de seleção dos acontecimentos e de elaboração da notícia, ao longo de todo o processo de produção jornalística, ou seja, em todo processo de construção da notícia.

Para Wolf, os valores-notícia de seleção referem-se aos critérios que os jornalistas utilizam na seleção dos acontecimentos, isto é, na decisão de escolher um acontecimento como candidato à sua transformação em notícia e esquecer outro acontecimento. Os valores-notícia de seleção estão divididos em dois subgrupos: a) os critérios substantivos que dizem respeito à avaliação direta do acontecimento em termos da sua importância ou interesse como notícia, e b) os critérios contextuais que dizem respeito ao contexto de produção da notícia. Os valores-notícia de construção são qualidades da sua construção como notícia e funcionam como linhas-guias para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na construção do acontecimento como notícia. (TRAQUINA, 2005, p.78)

Interessa-nos aqui, apontarmos quais são os valores-notícia de seleção e seus critérios substantivos no que diz respeito a cobertura sobre travestis. Traquina comenta-os nesta ordem: a morte, a notoriedade do ator principal do acontecimento, a proximidade geográfica e cultural, a relevância (que responde à preocupação de informar ao público os acontecimentos importantes, porque têm um impacto sobre ele), a novidade, o fator “tempo” (é um valor notícia que assume diferentes formas), a notabilidade (qualidade de ser visível), um dos modos de ser visível é a inversão, ou seja, o contrário do normal, como exemplifica Traquina: “o homem que morde o cão, e não o cão que morde o homem” ou da pessoa pública que aparece em situação da vida privada; No caso analisado, pode-se pensar a **inversão** como valor notícia a partir da ideia de que o corpo travesti inverte a ordem “normal” hegemônica, ou que é considerado normal para os padrões hegemônicos na cultura; o inesperado (aquilo que surpreende), **o conflito ou a controvérsia** (violência física ou simbólica), **a infração** (violência, transgressão das regras).

Traquina (2005, p.95) afirma que o leque de valores-notícia é vasto, a paleta tem imensas cores. Dessa forma, a notícia é resultado da composição de vários valores. Quanto mais valores-notícia reunir, mais noticiável é um fato.

Os valores-notícia representam apenas um dos grupos de critérios que compõem a

noticiabilidade, além de estarem profundamente enraizados na cultura jornalística. Ao elaborar a notícia o jornalista sofre influência da linha editorial, da cultura, da posição ideológica, entre outros fatores. Compreendendo a notícia dessa maneira, não há como considerá-la um “espelho” da realidade.

O PADRÃO G1 DE HETEONORMATIVIDADE: A ANÁLISE DAS NOTÍCIAS

Analisamos aqui como é construída a cobertura sobre as travestis nas notícias publicadas no G1 no mês de março de 2016.

Tabela 1: Cobertura das notícias sobre travestis no portal G1

Data	Título	Nomeação da travesti
01/03/2016	Polícia Civil apresenta suspeitos de homicídio de cabeleireiro em Uberaba	O travesti
05/03/2016	Travesti 'cobra pedágio' de mulher e a agride com salto de sapato	A travesti
09/03/2016	Travesti baleada no Corso sai do coma, mas não responde a estímulo	A travesti
11/03/2016	Polícia de MS prende ex de suspeita de executar manicure por ciúmes	O travesti
14/03/2016	Travesti é morta a tiros em Rio das Pedras, Zona Oeste do Rio	A travesti
16/03/2016	Travesti baleada no Corso de Teresina volta a falar e movimentar membros	A travesti
21/03/2016	Adolescente homossexual é achado morto usando roupas femininas	O travesti
24/03/2016	Gerente é assaltado por travestis e leva um tiro em Rio Preto	As travestis
31/03/2016	Casal é preso em flagrante por aliciar menores para prostituição em MT	O travesti

Fonte: elaboração do autor.

Verificamos as nomeações e os valores-notícia das matérias. Das nove notícias publicadas, quatro tratam as travestis no masculino.

A Polícia Civil prendeu na manhã desta sexta-feira (11), na região do Nova Bahia, em Campo Grande, o jovem de 22 anos suspeito de matar **um travesti** após uma briga. O crime ocorreu no dia 22 de março de 2014. Já em 2015, a sua ex-mulher, Gabriela Antunes dos Santos, de 20 anos, foi apontada como autora do assassinato da amiga de infância, por ciúmes do jovem.⁹(G1, 2016)

Ao todo, nove pessoas foram encontradas no estabelecimento durante a ação policial. Entre elas, as duas adolescentes e **um travesti**, que também fazia programas sexuais.¹⁰(G1, 2016)

... Segundo a Polícia Militar, **o jovem usava roupas femininas** e estava com uma bolsa feminina. Dentro dela, tinha uma peruca. O corpo foi encontrado atrás de uma prédio em construção no bairro...No local, a polícia constatou a morte e observou que se tratava de **um homem com roupas de mulher**. ...De acordo com o delegado da Polícia Civil, Carlos Muniz dos Santos, há indícios de que o adolescente fizesse programa como **travesti** na cidade.¹¹ (G1, 2016)

O corpo **do cabeleireiro, que era travesti**, ainda não foi encontrado. De acordo com os suspeitos, **Mariel** foi morto por disparo de arma de fogo e o corpo enterrado em uma fazenda.¹² (G1, 2016)

Observamos aqui, a negligência à identidade de gênero das travestis. A ANTRA, por meio de nota circular, aponta que a imprensa, ao nomear as travestis no masculino, está reiterando estigmas e a violência contra esta parcela da sociedade.

Solicito, em nome de uma parcela significativa da população, que os/as redatores/as e os/as responsáveis pelos meios de comunicação impressos, televisivos e/ou digitais incorporem em suas matérias o artigo feminino ao se referirem às Travestis e Transexuais. Com esta providência, além de qualificar o conteúdo da informação disponibilizada ao grande público, estarão contribuindo para atenuar e/ou reverter os índices de criminalidade e de exclusão social praticados contra nós, Travesti e Transexuais. (ANTRA, 2013, p.1)

Das cinco matérias que as tratam no feminino, três trazem o nome de registro da travesti, ou seja, masculino, e duas abordam o mesmo caso. Somente após sabermos seu nome civil é que recebemos a informação de seu nome social.

Uma semana após sair de coma, **a travesti Rony Pablo Sousa da Silva, mais conhecida como Pâmella Leão**, voltou a falar, a se movimentar e interagir com familiares. A jovem chegou a passar 35 dias internada na Unidade de Tratamento Intensiva (UTI) do Hospital de Urgência de

⁹ <http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2016/03/policia-de-ms-prende-ex-de-suspeita-de-executar-manicure-por-ciumes.html>

¹⁰ <http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2016/03/casal-e-presos-em-flagrante-por-aliciar-menores-para-prostituicao-em-mt.html>

¹¹ <http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2016/03/adolescente-homossexual-e-achado-morto-usando-roupas-femininas.html>

¹² <http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2016/03/policia-civil-apresenta-suspeitos-de-homicidio-de-cabeleireiro-em-uberaba.html>

Teresina (HUT), depois de ser atingida com um tiro na cabeça durante o Corso.¹³ (G1, 2016)

A travesti Rony Pablo Sousa da Silva, mais conhecida como Pâmella Leão, atingida com um tiro na cabeça durante o Corso de Teresina, saiu do coma após 35 dias internada na Unidade de Tratamento Intensiva (UTI) do Hospital de Urgência de Teresina (HUT). Segundo a direção da unidade de saúde, a paciente foi transferida no fim de semana para uma ala da clínica médica, mas ainda não responde a estímulos.¹⁴ (G1, 2016)

Uma travesti foi morta a tiros em Rio das Pedras, Zona Oeste do Rio, na madrugada de sábado (12). **Eronildo José dos Santos, conhecida como Camilla Rios**, de 29 anos, é natural de Recife, mas morava no Rio de Janeiro. De acordo com testemunhas, ela foi atingida por homens que estavam em uma motocicleta.¹⁵ (G1, 2016)

Segundo a ANTRA (2013), todas as vezes que a imprensa reforça o termo 'masculino' para se referir as travestis, intensifica os estigmas, os preconceitos e a discriminação, definindo a mulher a partir da exclusividade decorrente do órgão genital, sem levar em consideração a sua essência e a construção social a ela associada. Portanto, a ANTRA reivindica que sempre que redigirem matérias que envolvam Travestis e Transexuais os jornalistas recorram ao gênero feminino (AS TRAVESTIS, DAS TRAVESTIS, A TRAVESTI, UMA TRAVESTI). A aplicabilidade do gênero masculino só se justifica nos casos em que a referência do sexo biológico é feminina, mas a identidade social é masculina, no caso dos homens trans (ANTRA, 2013).

Os valores-notícia que norteiam as matérias analisadas são: o conflito e a infração. Sobre o conflito, segundo Traquina (2005) corresponde a violência física ou simbólica. A presença da violência física fornece mais noticiabilidade. Por infração, entende-se como a violação da regra. “Uma parte importante das notícias sobre crime são rotineiras e breves, porque o grosso do crime é visto como uma rotina” (TRAQUINA, 2005, p.85).

Um gerente de 27 anos foi **assaltado por duas travestis e levou um tiro** na manhã desta quinta-feira (24) na região norte de São José do rio Preto (SP). O tiro atingiu a cabeça da vítima e segundo a assessoria de imprensa do Hospital de Base, o gerente sofreu fratura na mandíbula. Ele está internado e o estado de saúde é estável.¹⁶(G1, 2016)

Uma mulher de 36 anos **foi vítima de roubo** na noite desta sexta-feira (4),

¹³<http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2016/03/travesti-baleada-no-corso-de-teresina-volta-falar-e-movimentar-membros.html>

¹⁴ <http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2016/03/travesti-baleada-no-corso-sai-do-coma-mas-nao-responde-estimulos.html>

¹⁵ <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/03/travesti-e-morta-tiros-em-rio-das-pedras-zona-oeste-do-rio.html>

¹⁶ <http://g1.globo.com/sao-paulo/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2016/03/gerente-e-assaltado-por-travestis-e-leva-um-tiro-em-rio-preto.html>

no Jardim Paulistano, em Presidente Prudente. Conforme a Polícia Militar, **o crime foi praticado por uma travesti**, de 27 anos.¹⁷(G1, 2016)

Ao falar sobre as matérias de crimes que envolvem travestis Don Kulick é crítico em sua afirmação. Para o autor, essas notícias “pintam sempre uma mesma imagem das travestis como pessoas pervertidas, armadas, viciadas em drogas, marginais que transmitem Aids e atraem homens inocentes” (KULICK, 2008, p. 51), com a finalidade de assaltá-los, enfim, “como pessoas que perturbam a ordem pública, espalhando o caos” (idem).

A maioria das notícias que envolvem pessoas transexuais e travestis carregam estigmas e estão relacionadas à violência. Segundo dados da organização Transgender Europe o Brasil é o país líder nos números absolutos de mortes de travestis e transexuais, de 2008 a 2014 foram 689 mortes.

Entendo que os meios de comunicação são de suma importância para o esclarecimento e a educação da sociedade. Esta convicção faz de nós parceiras sem reservas da imprensa brasileira quando se trata de divulgar tais violências e de colaborar com o jornalismo investigativo na busca dos responsáveis por tais crimes. No entanto, não podemos nos omitir o fato de não raro, a imprensa colaborar para reforçar os estigmas e, conseqüentemente, a violência contra Travestis e Transexuais nas vezes em que se refere a nós no gênero masculino. Nossa identidade de gênero é FEMININA, pois mesmo que por nascença nosso sexo é masculino, nos apresentamos socialmente vinculadas ao gênero FEMININO. (ANTRA, 2013, p.1)

Com esta análise, entendemos que o jornalismo contribui para a construção da realidade e que dessa forma está fortemente relacionado com a normatividade vigente (seja no partilhamento de valores, seja na reprodução destes), partimos do pressuposto de que o mesmo contribui para reforçar os valores dominantes na sociedade, indiretamente trabalhando para a manutenção do *status quo* (DARDE; MORIGI, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo, entendido como um espaço discursivo, representa uma importante esfera de produção de sentidos a partir da qual também se pode construir novas visões sobre gênero e sexualidade ancoradas no conceito de diversidade sexual (DARDE; MORIGI, 2012). Porém, em nossa análise, identificamos que a notícia continua sendo construída nos alicerces da heteronormatividade hegemônica. A identidade e inclusão social das travestis

¹⁷ <http://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2016/03/travesti-cobra-pedagio-de-mulher-e-agride-com-salto-de-sapato.html>

são negligenciadas a partir do momento em que o nome civil é evidenciado e as tratam com uso do artigo masculino.

O jornalismo como construtor da realidade social, acaba reafirmando estereótipos e sendo omissivo ao combate às desigualdades sexuais e de gênero, como evidenciado na análise aqui apresentada. As representações das travestis nas notícias que circulam, além de implicar na construção identitária, coloca a população LGBTT em um patamar de subalternidade. Fato é, que as travestis se tornam notícia quando o acontecimento está associado ao valor-notícia violência.

Darde e Morigi (2012) afirmam que a heteronormatividade precisa ser contestada pelo discurso jornalístico de maneira frontal. O fato do discurso jornalístico sobre os direitos para a população LGBTT não enfrentar a heteronormatividade também significa que ele quase nunca se engaja com o potencial subversivo da sexualidade *queer*. Como evidenciado na análise das notícias aqui analisadas a cobertura jornalística sobre a população LGBTT é carregada de estigmas e colabora na construção de uma realidade que identifica este grupo populacional sempre relacionado à valores-notícia com a violência, ao crime, ao ilegal.

Precisamos (re)pensar a prática jornalística neste tipo de cobertura, pensar de maneira *queer*, e pensar *queer* é contestar, problematizar, questionar todas as formas de comportamentos em nossa sociedade. E, sobretudo, prezar pela ética, pluralidade social e cidadania. Que o jornalismo “faça a egípcia” para toda forma de discriminação e volte os seus “óculos”, também, para as questões de gênero e sexualidade.

REFERÊNCIAS

ANTRA. Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil. **Relatório final XIX ENTLAIDS: da transfobia à cidadania**. Brasília, 2012.

ANTRA. Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil. **Nota circular nº 0001/2013: A Mídia e Meios de Comunicação Local e Nacional**. 2013.

CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS BRASILEIROS (2007). Disponível em: <http://www.fenaj.org.br/materia.php?id=1811>. Acesso em 04/04/2016.

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008. – (Primeiros passos; 328)

BRASIL, Ministério da Saúde. **Adolescentes e Jovens para a Educação entre pares: Saúde e Prevenção na Escola**. 1ª Edição, 2010.

DARDE, Vicente; Morigi, Valdir. **Diversidade Sexual no Jornalismo Brasileiro: um estudo sobre as representações da população LGBT nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo** Copyright, 2012. Disponível em: <http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/viewFile/396/368>, acesso: 04/04/2016.

FELIPPI, ÂNGELA. **Jornalismo e Identidade Cultural: Construção da Identidade Gaúcha em Zero Hora**, 2006. Disponível em: http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/7/TDE-2007-04-18T052538Z-508/Publico/389285.pdf, acesso: 04/04/2016.

KULICK, Don. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

TRANSGER EUROPE. Disponível em: <http://tgeu.org/>. Acesso em 04/04/2016.